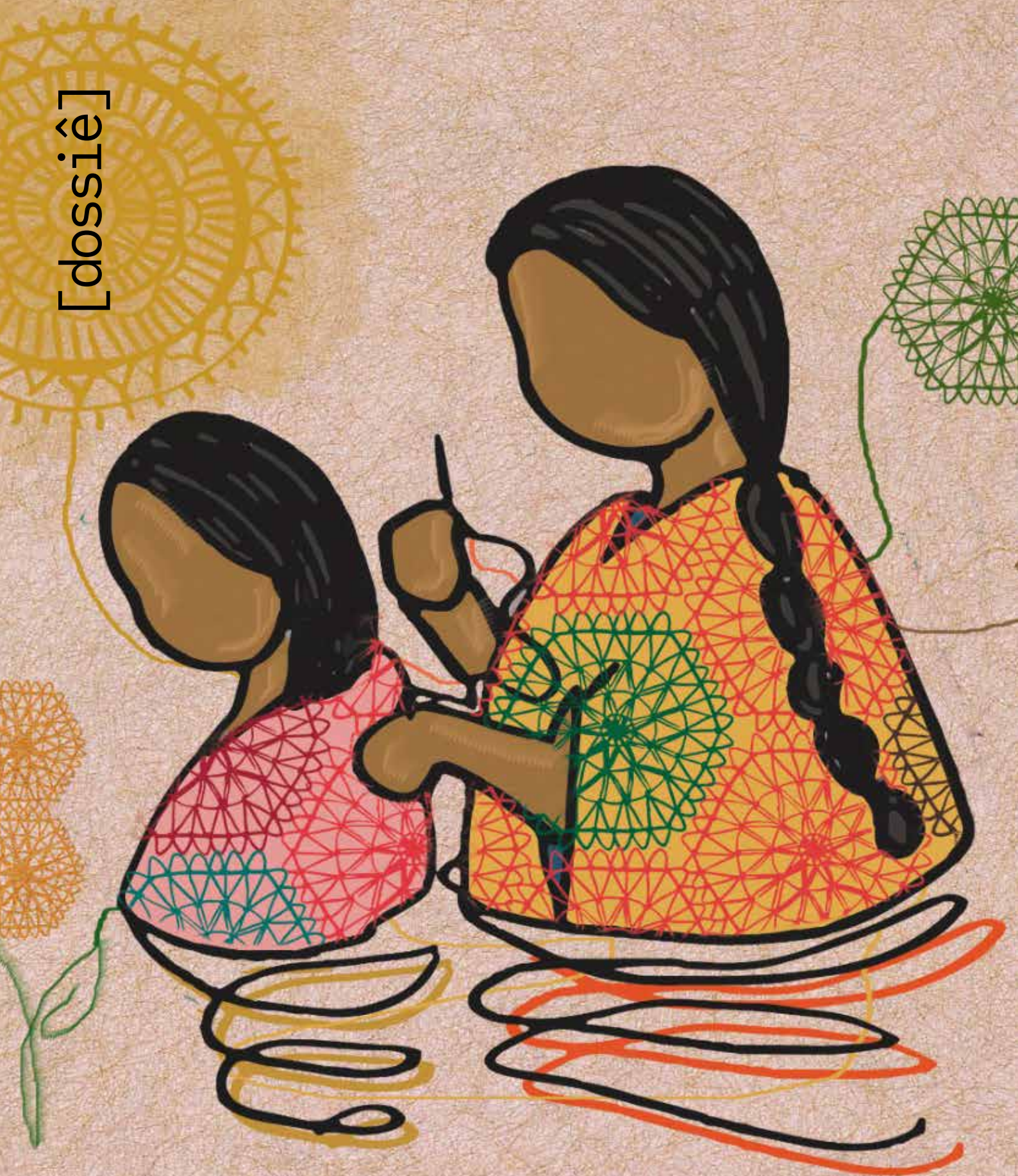


[dossiê]



Os vestires plurais dos povos originários: uma proposta intercultural e transdisciplinar

The plurality of indigenous dress: an intercultural and transdisciplinary proposal

Rita Morais de Andrade¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1412-6689>

Tuinaki Koixaru Karajá²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5389-6896>

Waxiaki Karajá³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8532-105X>

Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0034-1967>

Despertar para as experiências interculturais é uma ação política e também poética. Este dossiê nasce dessa premissa: da necessidade de experienciar, juntas, o potencial das narrativas e cosmovisões das culturas ancestrais dos povos originários que resistem e perduram em Pindorama, Abya Yala e além-mares.

Curiosamente, o campo de pesquisa sobre as histórias do vestuário no Brasil tarda em realizar o esforço coletivo para dar a conhecer a pluralidade dos seus vestires, incluindo-se aquilo que os habitantes mais antigos dessas terras vestiram. As histórias da moda europeia e a sua difusão são muito mais numerosas e conhecidas nos países colonizados das Américas, Ásia, África e Oceania do que as histórias dos seus povos ancestrais. Nosso interesse é contribuir para a crescente visibilidade que as culturas originárias têm alcançado.

¹ Doutora em História pela PUC-SP com Pós-doutorado pelo PACC-UFRJ e pela Université de Liège, Bélgica. Professora Associada da Universidade Federal de Goiás - UFG. Email: ritaandrade@ufg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0652175469093010>.

² Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Diretora do Instituto Cultural Maluá, Estado de Tocantins. E-mail: tuinakikoixaru2@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9826283304649028>.

³ Especialista em Educação Intercultural e Transdisciplinar: Gestão Pedagógica pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientadora e pedagoga da Escola Estadual Indígena Maluá, Secretaria da Educação do Estado de Tocantins. Email: waxiaki2021@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9187609833846055>.

⁴ Doutora em Artes Visuais pelo PPG em Arte e Cultura Visual - UFG. Assistente II no SEBRAE Goiás. E-mail indy.mgarcia@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6473746401368618>.

Os dados preliminares do censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, informa que, em Pindorama (Brasil), há mais de 1 milhão e 690 mil indígenas, o que representa 0,83% da população brasileira e um aumento de mais de 88% dessa população nesses últimos 12 anos⁵. Em 2010, já tinham sido identificadas 305 etnias de 274 línguas diferentes — dados estes que ainda serão atualizados e divulgados a partir do último censo mencionado.

A legislação brasileira, à semelhança do que ocorre em outros países que passaram pela colonização europeia, busca reparar as injustiças sociais cometidas contra as comunidades tradicionais, incluindo-se aí os povos indígenas. Entre decretos e portarias, uma das ações mais relevantes, no sentido de promover a justiça social no país, está presente na sua Constituição. O artigo 215 da Constituição de 1988 assegura a proteção às manifestações culturais indígenas, afro-brasileiras e dos Povos e Comunidades Tradicionais, prevendo a valorização étnica e regional na proteção e promoção de bens culturais.

Há desafios na realização das pesquisas sobre os modos de vestir dos povos originários. Talvez um dos maiores seja a transposição da cultura ocidental moderna para as culturas ancestrais originárias na prática do trabalho científico. Estamos falando das relações interculturais e na realização de trabalhos cooperativos e colaborativos entre pessoas indígenas e não indígenas, por exemplo. Pesquisar com e não pesquisar sobre é uma mudança de paradigma desafiadora para a maioria de nós, habituados que estamos aos padrões modernos e ocidentais de conduta metodológica.

A própria proposta deste dossiê, que foi apresentada à revista dObras a convite da editora chefe Dra. Maria Claudia Bonadio, representa esse desafio. Como uma revista classificada com Qualis A3, a política editorial prevê que autores tenham titulação mínima de mestrado e colaboradores/organizadores de dossiês a titulação de doutorado. Para a inclusão das colegas indígenas que participaram das etapas de organização, seleção, submissões e revisão cega por pares, foi importante adaptar as políticas à realidade das injustiças sociais, já que a formação em nível de pós-graduação atende ainda poucas pessoas indígenas, pretas e pardas. Na Universidade Federal de Goiás, para citar um exemplo, a primeira indígena a se graduar Doutora em Arte e Cultura Visual foi a artista Mirna kambeba Omágua-Yetê Anaquiri em 2022, mais de dez anos depois do início da oferta de doutorado pelo Programa.

Não há dúvida que as políticas afirmativas reiteradas na Lei Federal n.12.711 (Brasil, 2012), como as aplicadas às universidades na forma de cotas raciais, foram essenciais para modificar o cenário de predominância de estudantes advindos de escolas privadas nas universidades públicas. Contudo, ainda há barreiras a serem enfrentadas pelas instituições públicas de ensino e pesquisa para garantir a permanência de estudantes indígenas, quilombolas e muitos outros de baixa renda, no longo período de formação da graduação à pós-graduação.

⁵ Ver: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Estudantes de etnias indígenas, que estão aldeados em territórios distantes das cidades com campus universitário, necessitam muito mais do que o direito de ingresso ao ensino superior: precisam de moradia, transporte e alimentação garantidos. Essa realidade brasileira assemelha-se, em boa medida, à realidade de outros países com populações indígenas.

Para além dos desafios de se realizar pesquisas relacionadas ao tema, vale destacar, também, a ausência deles nas matrizes curriculares dos cursos de moda em nível superior no país. O campo ainda se sustenta, especialmente, a partir de vertentes teóricas que tiveram as referências do Norte Global como legitimadoras, fazendo com que as ações que buscam superar essa hegemonia ainda sejam recentes, quando comparadas a outros campos do saber (Slade e Jansen, 2020).

Assim, pode-se mencionar, como parte dessas ações, a criação do Grupo de Pesquisa Indumenta: *dress and textiles studies in Brazil* (UFG/CNPq)⁶ que se dedica a pesquisas sobre a pluralidade, diversidade e inclusividade dos modos de vestir. Algumas produções do grupo antecederam e lançaram as bases para a elaboração do escopo deste dossiê. Desde 2017 participamos do Projeto de Pesquisa Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais (PPK), liderado pela colega Manuelina Maria Cândido Duarte (Université de Liège, Bélgica)⁷, contribuindo com pesquisas sobre os modos de vestir das bonecas ritxoko e das mulheres Iny Karajá (Andrade, 2017; Di Calaça e Andrade, 2021; Andrade e Duarte Cândido, 2023; Di Calaça, 2024). A partir dessa experiência e participando das ações e atividades do Projeto Presença Karajá, o Grupo Indumenta elaborou e executou dois projetos de extensão: a exposição digital “Ixitkydkỹ: um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá, ainda em cartaz”⁸; e a série “Tramas e Coisas de Museus” para o Podcast Outras Costuras incluindo entrevistas com alguns dos participantes do projeto⁹.

A proposta deste dossiê “Vestires plurais dos povos originários” está vinculada ao escopo e atuação do grupo, do qual as organizadoras fazem parte e buscam desenvolver relações interpessoais e de pesquisa intercultural, inter e transdisciplinar. Reunimos aqui trabalhos alinhados a esses princípios: seis artigos, uma entrevista, uma exposição digital, uma resenha de exposição e três ensaios visuais. Além disso, fizemos um convite a artistas e fotógrafos indígenas que gentilmente cederam trabalhos selecionados para a seção Galeria.

Em homenagem ao povo Iny Karajá, ao qual Waxiaki Karajá e Tuinaki Koixaru Karajá pertencem, o dossiê inicia com o artigo “Lindinhas como sempre: as moças Karajá, suas indumentárias e cuidados com o corpo”, da autora Lilian Brandt Calçavara. Ela apresenta um estudo sobre os modos de vestir das ijadòkòma, que se refere às moças Iny Karajá as quais

⁶ INDUMENTA - dress and textiles studies in Brazil. Endereço para acessar este espelho no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4061254552034320>. Acesso em: 03 mar. 2024. Perfil no instagram: @indumenta.br

⁷ Disponível em: <https://presencakaraja.tainacan.org/> e no perfil do Instagram @presenca_karaja . Acesso em 03 mar. 2024.

⁸ Disponível em: <https://www.vestiresmulheresinykaraja.com/>. Acesso em: 03 mar. 2024. Projeto financiado pelo edital ReFarm Cria 2022.

⁹ Podcast Outras Costuras – Série Tramas e Coisas de Museu. Disponível em agregadores de áudio, como: <https://open.spotify.com/show/40GuoBFX3DjplYGA22hcND?si=cd430d88572942e8>. Acesso em 03 mar. 2024.

tiveram a primeira menstruação, são virgens e ainda não se casaram. A discussão se dá a partir de dois rituais principais, o da primeira menstruação e o do casamento. A pesquisa se destaca pela sua metodologia, onde as moças foram protagonistas, resultando na produção de dois filmes.

Em seguida, “Some Theoretical Reflections on Indigenous Dress in Colonial Brazil”, de Roberta Marx Delson, faz uma análise do vestuário indígena durante o período colonial brasileiro e revela aspectos da interação entre os colonizadores portugueses e as populações nativas, desafiando narrativas simplistas sobre a percepção dos portugueses em relação aos habitantes nativos do Brasil. Ao examinarmos como o “vestir” foi utilizado como parte da missão “civilizatória” portuguesa, percebemos que, embora tenha sido uma faceta inevitável desse processo, não foi necessariamente bem-sucedido em impor mudanças permanentes na cultura indígena. A criação de distinções sociais e classes em decorrência do vestuário é inegável, porém não necessariamente da forma como tradicionalmente retratada pela história. Essa reflexão nos leva a considerar teorias antropológicas e sociológicas sobre adornos e vestimentas, que desempenharam um papel central na manutenção da ordem social para os indígenas brasileiros. Essas teorias não apenas explicam aspectos da história colonial brasileira, mas também apontam para novas possibilidades de pesquisa e interpretação do significado real do vestuário para os povos indígenas que foram submetidos, há mais de três séculos, ao domínio português.

“A moda e seu ensino decolonial como tecnologias de encantamento para preservação das vestimentas indígenas no cotidiano”, de Julia Vidal Santos Borges e Julia Muniz Xavante, busca discutir a produção e representação das vestimentas dos povos Marajoara e Xavante, a partir de uma perspectiva decolonial. Os procedimentos metodológicos adotados pelas autoras no desenvolvimento deste estudo destacam-se pela pesquisa em campo nas aldeias, assim como pelos relatos orais durante as aulas do curso de Moda Pluricultural da Escola Ewà Poranga, que conta com um corpo docente de mestres afrodescendentes, africanos e indígenas latino-americanos.

Ainda, em “O design lento na prática colaborativa de design de moda com mulheres artistas Kaingang: tensões a partir da perspectiva decolonial” de Miruna Raimundi de Gois e Daniela Novelli, temos um artigo instigante que destaca a escassez literária sobre o tema, enfatizando como a concepção efêmera e mercadológica da moda obscurece os elementos tradicionais indígenas. A pesquisa, centrada na etnia Kaingang, revela tensões, como o desconhecimento da língua materna, a relativização dos conceitos de slow design e a necessidade de adaptação da arte indígena aos mercados convencionais. As autoras enfatizam a importância de aprofundar as relações entre as práticas indígenas e os princípios do slow design em outras comunidades, destacando a necessidade de uma reflexão contínua sobre as posições de sujeito na pesquisa. Este artigo contribui significativamente para o debate sobre moda, identidade e decolonialidade, inspirando novas abordagens no campo do design de moda decolonial.

“Investigar la moda indígena en Abya Yala: aprendizajes de los estudios del arte nativo-americano”, de Laura Beltran-Rubio, apresenta uma discussão atualizada com base na literatura recente relativa à teorização da moda e às alternativas ao cânone da modernidade ocidental. Defende a necessidade de pensar metodologias que permitam o desenvolvimento

de estudos a partir do conceito de “relational accountability” do autor Shaw Wilson (2008) e reforça a importância das abordagens da Cultura Visual e Material para estudos cujo tema envolve os povos originários. O texto aborda as discussões sobre a necessidade de “descolonizar” as artes, especialmente na moda, destacando os esforços e desafios acadêmicos nesse processo. A autora destaca como o termo “descolonização” se popularizou nos estudos de moda, mas seu uso inadequado pode ser prejudicial para a causa decolonial, especialmente na América Latina. Ela também evidencia, por meio de revisões acadêmicas, como o termo é usado de maneira superficial, sem compromisso real com a descolonização. O artigo propõe um novo paradigma na pesquisa da moda indígena em Abya Yala, envolvendo um processo de desaprendizagem e reestruturação das práticas acadêmicas para dar voz aos povos indígenas. Oferece também algumas diretrizes metodológicas para avançar na teorização e escrita das narrativas sobre a moda indígena, reconhecendo a diversidade cultural e a necessidade de contextualização específica. Representa uma valiosa contribuição para a reflexão e ação em torno da descolonização da moda e de seu estudo na América Latina.

“Yawanawá: o encontro com o design de moda e globalização” de Mariana dos Santos Couto e Fernanda de Abreu Cardoso apresenta a modernidade como o enlace dos desafios e discussões atuais relativas aos modos de tratamento e das relações interculturais que envolvem povos originários. Para as autoras, no campo do Design de Moda, a “brasilidade” não apenas possui valor simbólico, mas também econômico, sendo frequentemente utilizada como recurso na lógica mercadológica. Quando uma marca de moda se associa a um povo indígena, por exemplo, vai além de simplesmente usar referências visuais ou mão de obra para produção artesanal de peças de vestuário. Isso pode envolver a criação de um discurso articulado que sustente várias vertentes, desde a valorização do capital cultural nacional até argumentos de sustentabilidade. Nesse contexto, resgatar valores tradicionais pode ser um recurso de distinção em um mercado globalizado que tende à homogeneidade. Entidades milenares também se movem em direção à modernidade, dialogando com práticas globais, buscando manter suas tradições e prevenir seu desaparecimento. Essas relações, no entanto, trazem consigo contradições inerentes à modernidade, que servem como base para investigar e questionar seu impacto positivo ou negativo para um grupo tradicional.

Além dos artigos selecionados especialmente para compor este dossiê, apresentamos uma entrevista inédita com Glicélia, também conhecida por Célia ou Glicéria Tupinambá. Ela desempenha um papel crucial na luta pelo retorno ao Brasil do Manto Tupinambá, atualmente no Museu Nacional de Copenhague, na Dinamarca. Para esse povo, o manto é um ancestral vivo, um Encantado que carrega a história e identidade deles. A busca por seu retorno não é apenas pela repatriação de um objeto, mas pelo reconhecimento e respeito à cultura e espiritualidade Tupinambá. Célia tem sido uma voz ativa nessa causa, sensibilizando autoridades e instituições sobre a importância cultural e simbólica do Assojaba Tupinambá (Manto Tupinambá). A entrevista gravada originalmente em audiovisual, será apresentada no Podcast Outras Costuras — disponível gratuitamente nos grandes agregadores de áudio — assim que esta edição da revista dObras[s] for publicada.

Na sequência, apresentamos a exposição virtual “Manto em Movimento” com Glicélia Tupinambá. A pesquisa da artista faz parte da busca pela recuperação do Assojaba

Tupinambá (Manto Tupinambá) e de suas práticas de confecção e rituais associados. Desde 2005, Glicélia tem trabalhado nesse projeto, que envolve reconectar-se com o território, os Encantados e a cosmologia Tupinambá. A partir de uma fotografia do Manto que retornou ao Brasil, ela produziu um novo Manto em 2006, para presentear os Encantados em uma festa. Desde então, ela continuou fazendo mais dois Mantos, reencontrando, assim, parte da tradição que foi levada para a Europa. Sua pesquisa não se limita à recuperação material, mas busca também o direito à memória e à ancestralidade, o acesso aos acervos e a possibilidade de aprender novamente e remendar uma tradição fragmentada. Para Glicélia, não se trata apenas de copiar a aparência dos Mantos, mas de recordar e reinventar seu modo de fazer e os rituais que representam. Ela busca orientação nos Encantados, que a guiam nessas jornadas de reencontro, ouvindo seu chamado e as mensagens transmitidas em sonhos. A artista também se baseia na memória da comunidade local, em pesquisa iconográfica e documental, para lembrar as formas de conexão Tupinambá entre o mundo material e imaterial.

A resenha intitulada “Ixitkydk: um olhar sobre os vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá” se refere a uma exposição digital inaugurada no dia 19 de setembro de 2022, durante a Primavera dos Museus, promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e que permanece aberta para visitação do público por meio de seu site. A resenha apresenta o trabalho colaborativo, transdisciplinar, intercultural e desafiador que envolveu uma equipe formada por 19 pessoas, dentre elas indígenas e não indígenas, dedicados aos vestires tradicionais das mulheres Iny Karajá que foram selecionados a partir do acervo do Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga, localizado em Goiânia/GO. O trabalho   um dos exemplos de pesquisas do campo que se desenvolveu a partir de procedimentos metodológicos decoloniais, que garantiram aos participantes indígenas o protagonismo em todo o processo.

Na se c o “Costuras”, apresentamos três trabalhos de autores convidados. “Navura — Beber Moda Indígena: Das Areias da Beira-Mar de Fortaleza ao Cora o do Cariri”   um ensaio visual onde os leitores poderão apreciar alguns dos itens dessa cole o de moda, criada pelo estilista indígena Rodrigo Tremembé, cujo povo aldeado encontra-se no litoral do Estado do Ceará. Navura   o nome de uma prática ritualística do povo Tremembé que enaltece, a partir dos elementos do design, a cultura tradicional, a ancestralidade e a responsabilidade com a terra.

O ensaio “Abrir a Capanga de Aruanda: cosmografias do encontro com as escolas vivas Tupinambá e do Assentamento Terra Vista”, de Cacá Fonseca e Laura Castro apresenta um mergulho nas escolas vivas da Terra Indígena Tupinambá Serra do Padeiro e do Assentamento Terra Vista, sob a perspectiva da “Capanga de Aruanda”. Inspirado pela cantiga de capoeira que evoca a chegada de Aruanda e seu conteúdo misterioso, o texto explora a associa o da “Capanga de Aruanda” com a bolsa ficcional proposta por Úrsula Le Guin. Essa evoca o simbólica transcende o objeto físico, tornando-se uma metáfora poderosa para a reivindica o de sentidos territoriais e para a cole o de estratégias de resistência e inven o da vida. Essa abordagem, denominada de Escolas Grafetivas, visa fortalecer os processos de intera o intergeracionais e culturais, além de subsidiar a profissionaliza o e forma o da juventude a partir do campo artístico.

A exposi o “LU  - os olhos de kaion ”, primeira exposi o individual da artista Rita Pataxó, está apresentada aqui pela própria artista e sua filha Talita Tamyku  Pataxó com

uma seleção de obras que refletem sua técnica artesanal e autoral, caracterizada por cores e grafismos indígenas. Mestre do povo pataxó, Rita cria suas estampas a partir de carimbos manufaturados com materiais reutilizados, como restos de madeira, borracha EVA e cola. Sua obra é uma expressão da poética cotidiana, incorporando elementos do design e da arte têxtil. A exposição, realizada com apoio financeiro do Estado da Bahia e curadoria de sua filha, Tamykuã Pataxó, teve como destaque a obra “Os olhos de Kaionã”, inspirada em um pássaro que segredou a palavra “kaionã”, traduzida como “admirador” em patxohã, língua do povo pataxó. Os trabalhos de Rita e suas filhas, reunidos sob o nome LUÁ pataxó, refletem a força das mulheres indígenas e buscam não apenas promover a venda de suas obras, mas também reconhecer e divulgar as histórias e significados por trás de cada peça.

Fizemos ainda uma seleção especial de imagens para a Galeria da dObra[s] produzidas por mulheres indígenas. Há trabalhos das artistas Wanessa Ribeiro Ferreira, Kathellen Timoteo Matos (Kath Xapi Puri), e das fotógrafas Hawalari Sandoval Coxini e Rafaella Sandoval Coxini Karajá. Em comum, essas mulheres e seus trabalhos apresentam visões do feminino e suas lutas, a cooperação e a linha invisível que conecta as gerações ancestrais de seus povos.

Por fim, queremos expressar nossa alegria de organizar essa edição em quatro mulheres que se conhecem há alguns anos e que se respeitam em sua singularidade, suas diligências e contingências. Somos todas professoras e pesquisadoras. Cada uma de nós trabalhou a partir de seu território geográfico e existencial. Waxiaki esteve em sua casa, na Aldeia Hawalò (Santa Isabel do Morro), município Lagoa da Confusão, TO. Tuinaki, na Aldeia Krehawã (São Domingos), município de Luciara, MT. Indyanelle mora em Goiânia onde defendeu o seu doutorado em fevereiro deste ano no PPG Arte e Cultura Visual da UFG. Rita passou o último ano em São Paulo, na EFLCH/Unifesp trabalhando como Colaboradora Técnica no Departamento de História da Arte. Foi a tecnologia digital que nos permitiu manter o diálogo permanente e contínuo desde a concepção desse dossiê até a sua finalização.

Gostaríamos de agradecer a equipe da revista dObra[s] que nos acolheu prontamente, abraçando os desafios do trabalho intercultural no contexto das publicações científicas no Brasil. O processo editorial e de editoração para reunir esses trabalhos é complexo e envolve muitas pessoas, instituições e interesses. Tivemos o apoio irretocável da editora chefe, Maria Claudia Bonadio, da editora executiva, Valéria Faria dos Santos Tessari, e do assistente editorial, Felipe Goebel.

Às pessoas que colaboraram com os seus trabalhos para esta edição, inclusive pareceristas e revisores, o nosso profundo agradecimento por partilharem conosco o seu tempo e expertise para que o dossiê fosse publicado neste formato multimídia.

A vocês, leitores da dObra[s], o nosso convite para lerem, ouvirem e assistirem calmamente os trabalhos do dossiê. Há desdobramentos a partir dos textos publicados aqui que podem ser acessados em diferentes mídias de áudio, vídeo e texto. A nossa expectativa é que este dossiê seja apenas o início de outros que reconheçam cada vez mais e melhor a pluralidade dos muitos modos de vestir dos povos originários.

Referências

ANAQUIRI Y. O. K. M. **Venho das águas: uma travessia autobiográfica nas culturas indígenas e formação docente**. 2022. 231 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/71f24f51-a3da-403f-8464-0e522cb5f1eb> . Acesso em: 03 mar. 2024.

ANDRADE, Rita M. Vestires Indígenas em Bonecas Karajá: Argumentos para uma história da indumentária no Brasil. In P.P.G. História (Ed.), **Revista História: Questões & Debates** (Vol. 65, pp. 197–222), 2017.

ANDRADE, Rita M., DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Presença Iny Karajá: Cultura material e visual das bonecas Ritxoko em museus. **Curator**, 66, 1-24, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2268/300261> . Acesso em: 03 mar 2024.

BRASIL. **[Constituição (1988)]**. Título VIII da Ordem Social. Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto. Seção II da Cultura. Artigo 215 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=215> Acesso: em 03 mar. 2024.

BRASIL. **Lei Federal n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Brasília, DF: Presidente da República, [2012]. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12711&ano=2012&ato=5dcUTRq1kMVpWT502> Acesso em: 03 mar. 2024.

DI CALAÇA, Indyanelle. M. G.; ANDRADE, Rita M. de. Atravessamentos interculturais em tempos de covid-19: a máscara como adorno da sobrevivência indígena. **dObras** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], n. 32, p. 265–282, 2021. DOI: 10.26563/dobras.i32.1376. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1376>. Acesso em: 3 mar. 2024.

DI CALAÇA, Indyanelle Marçal Garcia. **Os modos de vestir das mulheres Iny Karajá: origem, tradição e invenção**. 2023. 269 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html> . Acesso em: 02 mar. 2024.

SLADE, Toby; JANSEN, M. Angela (Eds) Decoloniality and Fashion (Special Issue). **Fashion Theory**, 24:6, 809-814, DOI: 10.1080/1362704X.2020.1800983. Taylor & Francis, 2020.

Revisor(a) do texto: Albertina Felisbino. Doutora em Letras. UfSC. 1996 E-mail: lunnaf@uol.com.br